

# Feminismo e racismo no romance *A Intrusa* de Julia Lopes de Almeida<sup>1</sup>

Lerice de Castro Garzoni<sup>2</sup>

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais  
(IFSULDEMINAS)

Artículo de Reflexión derivado de Investigación  
Recibido: abril 30 de 2014- Aprobado: mayog 25 de 2014

---

## Resumo

O artigo analisa o romance *A Intrusa*, de Julia Lopes de Almeida, com o objetivo de apresentar diferentes interpretações sobre a obra dessa autora. Há inúmeras pesquisas que empregaram o termo feminismo para qualificar o posicionamento político da escritora. Alguns pesquisadores, por sua vez, reuniram indícios sobre a presença de uma perspectiva racista em sua produção. Baseado na leitura do romance na imprensa, o artigo defende que o racismo ocupou posição central no projeto político e literário da autora. O artigo é derivado do projeto de pesquisa *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*, realizado entre 2007 e 2012, com financiamento da FAPESP e da CAPES.

**Palabras chave:** Imprensa, literatura, feminismo, racismo, trabalho, República.

---

- 1 Artigo de reflexão derivado do projeto de doutorado *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*, realizado por Lerice de Castro Garzoni, sob orientação pela Professora Doutora Maria Clementina Pereira Cunha, entre março de 2007 e junho de 2012, no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, Brasil. O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
- 2 Doutora em História pela UNICAMP e Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Endereço postal: Rua Laguna, 575, apto. 11, CEP 37.701-074, Poços de Caldas, MG, Brasil. Endereço eletrônico: lerice.garzoni@gmail.com.

---

## Feminism and racism in the novel *The Intrusa* by Julia Lopes de Almeida

### Abstract

The article analyzes the novel *A Intrusa*, written by Julia Lopes de Almeida, with the aim of presenting different interpretations of her literary work. Numerous studies have employed the term feminist to describe the political positioning of the writer. Some researchers identified the presence of a racist perspective in her production. From reading the novel as it was published in the press, the article argues that racism occupied a central position in the author's political and literary project. The article is derived from the research project *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*, conducted between 2007 and 2012, supported by FAPESP and CAPES.

**Key words:** Press, literature, feminism, racism, work, Republic

---

## El feminismo y el racismo en la novela *La Intrusa* de Julia Lopes de Almeida

### Resumen

El artículo analiza la novela *A Intrusa*, escrita por Julia Lopes de Almeida, con el objetivo de presentar las diferentes interpretaciones de la obra de la autora. Existen numerosos estudios que han empleado el término feminista para describir el posicionamiento político de la escritora. Algunos investigadores, a su vez, reunieron evidencias de la presencia de una perspectiva racista en su producción. Basándose en la lectura de la novela en la prensa, el artículo sostiene que el racismo ha ocupado un lugar central en el proyecto político y literario de la autora. El artículo se deriva del proyecto de investigación *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*, llevado a cabo entre 2007 y 2012, financiado por FAPESP y CAPES.

**Palabras clave:** Prensa, literatura, feminismo, racismo, trabajo, República.

---

## Introdução

No dia 18 de fevereiro de 1905, os leitores do *Jornal do Commercio* se depararam com a estreia de um novo romance-folhetim. Intitulado *A Intrusa* e publicado no rodapé da segunda página do célebre diário carioca, o romance era assinado pela escritora brasileira Julia Lopes de Almeida que, naquele momento,

era bastante conhecida entre seus contemporâneos<sup>3</sup>. Ela havia iniciado sua carreira como escritora no final do século XIX e, desde então, colaborava com crônicas, contos e romances para diferentes periódicos da imprensa brasileira, chegando a ter alguns de seus textos traduzidos e publicados em outros países<sup>4</sup>. Segundo estudos recentes, ela teria sido a “escritora mais publicada na Primeira República” brasileira<sup>5</sup>.

A trajetória da autora provavelmente gerou expectativa em torno do novo romance, que se iniciava com uma cena doméstica, descrevendo homens de meia idade que, em uma noite chuvosa, estavam reunidos para jogar cartas e conversar. O local do encontro era casa do advogado Argemiro Cláudio, localizada no Cosme Velho, região sul da cidade do Rio de Janeiro. O anfitrião, porém, “jogava por jogar, sem vivo interesse, só para pretexto de chamar os amigos à casa de viúvo”<sup>6</sup>. Para Argemiro, a ausência de uma figura feminina em sua casa era algo desolador, afinal “uma casa sem mulher, afirmava ele, é um túmulo com janelas: toda vida está lá fora”<sup>7</sup>. Com o objetivo de reparar essa situação, ele pretendia contratar uma “moça para tratar da casa”, que não fosse “boçal como uma criada”<sup>8</sup>, mas tivesse boa educação. A missão dessa jovem seria tanto organizar os afazeres domésticos, quanto cuidar da filha do advogado quando ela o visitasse, já que a menina, com onze anos de idade, residia na casa dos avós maternos.

No romance, os amigos foram unânimes em reprovar a decisão, alertando-o sobre os riscos a que ele se exporia ao contratar uma moça para esse cargo. Todos eles suspeitavam das mulheres que prestavam serviços em casas de homens sozinhos, dizendo que elas seduziam os patrões para conseguir benefícios pecuniários. Assim, além de não serem bons exemplos de comportamento sexual e moral, ainda poderiam causar prejuízos. A despeito das reprovações, Argemiro manteve seu propósito e recebeu, no dia seguinte, uma moça com “ar vexado” e “botinas esfoladas”, que havia respondido ao seu anúncio publicado na véspera no *Jornal do Commercio*.

Esse primeiro contato entre os dois personagens foi tão breve que o advogado mal viu as feições da jovem, que “vinham cobertas com um véu bordado e ficavam contra a claridade”<sup>9</sup>. Argemiro foi bastante ríspido na tentativa de desfazer quaisquer “interpretações pouco airosas” que anúncios re-

3 Ver Veríssimo, José. “Um romance da vida fluminense” in *Estudos de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1977 e Rio, João. “Um lar de artistas” in *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Gamier, s.d.

4 Alguns de seus contos foram traduzidos para o francês e para o espanhol, mas ainda são incipientes os estudos sobre essas traduções. Sobre a publicação de contos de Julia Lopes de Almeida na Argentina e na França, ver Salomoni, Rosane Saint-Denis. *A escritora os críticos/ a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na Ficção Brasileira*. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – UFRGS, Porto Alegre, 2005, págs.98-9. Em carta datada de 07 de setembro de 1912, Aluíso Azevedo, então na Argentina, elogiava o romance *A Intrusa* e pedia autorização de Julia Lopes para que fosse traduzido e publicado no periódico *La Nación*. Ver Azevedo, Aluíso. *Touro Negro: crônicas e epistolário*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1944.

5 Eleutério, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos. 1890-1930*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, pág.74.

6 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.6. A primeira publicação em volume do romance, após sua aparição no jornal, foi no ano de 1908.

7 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.6.

8 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.18.

9 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.22.

clamando senhoras para casas de viúvos poderiam ter, destacando que precisava de uma “governanta de minha casa, de uma senhora séria, de uma senhora honesta”. A jovem, “uma figura meio encolhida”, surpreendeu seu interlocutor ao afirmar que era uma mulher solteira que havia desempenhado o cargo de governanta anteriormente, mas que não dispunha de referências, pois governara a sua própria casa, isto é, a casa de seu falecido pai.

A importância do trabalho remunerado para mulheres desprovidas de amparo masculino e que se encontravam em situação de vulnerabilidade econômica é uma temática recorrente em outros romances de Julia Lopes de Almeida, como *Memórias de Marta* (1889) e *A Falência* (1901). Em toda a sua obra, na verdade, é possível identificar a defesa da educação e do trabalho feminino, o que a inseria em um debate mais amplo sobre o papel social das mulheres brasileiras naquele momento histórico<sup>10</sup>. A presença desses temas levou, como pretende-se mostrar adiante, muitos estudiosos a empregarem o termo feminismo para qualificar o posicionamento político da autora. Essas pesquisas, realizadas nos domínios da literatura e da história a partir da década de 1990, foram fundamentais para romper o silêncio existente em torno da autora, excluída do cânone literário a partir de sua morte em 1934. Além disso, foram extremamente importantes para reivindicar legitimidade acadêmica para o campo conhecido como História das Mulheres, então emergente no Brasil<sup>11</sup>.

O mérito dessas pesquisas, enfim, é inegável e não seria possível avançar no estudo da vida e da obra dessa escritora sem essas vigorosas e corajosas colaborações. Por outro lado, no cenário atual, é necessário mostrar que a ênfase nessa abordagem em torno do feminismo fez com que outras questões presentes no trabalho de Julia Lopes de Almeida fossem relegadas a segundo plano e permanecessem pouco analisadas, particularmente a centralidade de pressupostos racistas em toda a sua produção literária. Tendo em vista essas questões, o presente artigo emprega o romance *A Intrusa* como fio condutor a partir do qual pretende-se explorar diferentes leituras da obra de Julia Lopes de Almeida, contrapondo os inúmeros pesquisadores que celebraram a presença do feminismo na obra da autora àqueles que analisaram as implicações políticas da perspectiva racista adotada, em diversos momentos, por Julia Lopes de Almeida. Pretende-se, ainda, mostrar como a leitura do romance em seu suporte original de publicação, isto é, a imprensa, pode ajudar a aprofundar algumas análises e propor novos problemas de pesquisa.

## Do privado ao público: o trabalho feminino sob suspeição

Alvo de desconfiança antes mesmo de sua chegada à casa de Argemiro, a jovem governanta, cujo nome era Alice, enfrentou julgamentos preconceituosos ao longo de todo o romance. Após o breve contato com o dono da casa, foi novamente entrevistada pelo padre Assunção, amigo da família. Segundo as

10 Gazoni, Lericé de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, Campinas, 2012, págs. 105-107.

11 Sadler, Darlene (editor). *One hundred years after tomorrow: Brazilian women's fiction in the twentieth century*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

informações recolhidas por esse último, tratava-se de “uma moça honesta... de boa família... pobre... saúde de ferro...”<sup>12</sup>. Ainda assim, o padre mostrava-se em alerta, pois não estava seguro se seria uma boa influência para Maria da Glória, a filha de Argemiro. A educação da filha era algo particularmente preocupante para o advogado pois, em sua concepção, “a mulher de hoje precisa ser instruída, solidamente instruída”<sup>13</sup> e, dessa forma, preparada para as incertezas do futuro. Via sua filha, porém, como um “animalzinho amimado” e selvagem, que “mal sabe ler, rabisca umas letras em péssima caligrafia... e toca sem compasso umas intoleráveis lições do método!”<sup>14</sup>, além de ser impulsiva e geniosa.

Porém, depois de um estranhamento inicial, a convivência entre Alice e Maria da Glória mostrou-se extremamente positiva e desejável na avaliação de Argemiro e do padre Assunção. O primeiro ficou encantado ao descobrir que sua governanta era uma mulher educada, que desenhava, sabia música e tinha uma bela caligrafia. Sob sua influência, “a Glória, que é tão rebelde, já aprendeu com ela alguma coisa... Faz crochê!”<sup>15</sup>. Padre Assunção, por sua vez, observava que os passeios propostos por Alice “desenvolviam melhor o espírito e o coração de Maria do que o mais volumoso livro de moral”<sup>16</sup>, qualificando-a como “mestra” depois de presenciar a forma como ensinava a menina a colocar a mesa. Assim, concluía que, sob a tutela de Alice, a menina “se tomava menos selvagem e mais humana”<sup>17</sup>.

A própria história da governanta, mantida em mistério ao longo de quase todo o romance, sintetizava as ideias de Argemiro sobre a necessidade de uma boa instrução feminina. Afinal, ao enfrentar uma situação financeira difícil após a morte dos pais, Alice soube usar sua educação para conseguir um bom emprego e, com isso, viver de forma digna e honrada. Essa talvez fosse uma das principais mensagens do livro: alertar sobre a importância da educação feminina, tanto para o bom desempenho das funções domésticas, quanto para o exercício de uma atividade remunerada em caso de necessidade.

A despeito de tantas evidências sobre suas boas intenções, outros personagens continuavam a suspeitar de Alice. Para Caldas, outro amigo de Argemiro, “as pobres honestas têm outros meios de ganhar o pão, menos suspeitos e sobretudo menos arriscados”<sup>18</sup>, sugerindo que uma moça não deveria, em hipótese alguma, trabalhar na casa de um homem sozinho. Entre os contemporâneos, era recorrente a ideia de que trabalhos relacionados à esfera doméstica, ou que constituíssem uma extensão do papel de mãe e esposa, como a função de professora, seriam mais apropriados para as mulheres<sup>19</sup>. Essa concepção dialogava com a ideia de que a presença feminina no espaço público

12 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.72.

13 *Ibid.*, pág.51.

14 *Ibid.*, 1935, pág.28.

15 *Ibid.*, pág.99.

16 *Ibid.*, pág.113.

17 *Ibid.*, pág.114.

18 *Ibid.*, pág.174.

19 Ver a análise das enquetes publicadas no jornal *O Paiz*, aberta a todos os leitores, perguntando se as mulheres deveriam ser educadas para o casamento ou para se manterem sozinhas (*O Paiz*, 03/04/1906, pág.1) e a enquete do jornal *Correio da Manhã*, direcionada às leitoras, que indagava “qual carreira a mulher deve seguir?” (*Correio da Manhã*, 10/05/1909, pág.1) em Garzoni, Leric de Castro. *Arena de Combate (...)*, *Op. Cit.*, págs. 146-206 e págs. 209-218.

precisava ser controlada, sob o risco de serem vítimas de malfeitores ou se tomarem mal faladas e prostituídas. A questão levantada pelo personagem Caldas, por sua vez, apresentava um novo impasse. Afinal, na sua visão, não era qualquer ocupação doméstica que poderia ser exercida de forma digna.

É possível afirmar que esse dilema sobre os papéis e as esferas que seriam adequados à participação das mulheres acompanhou a história da própria Julia Lopes de Almeida. Grande parte dos artigos, dissertações e teses sobre a autora buscaram apresentar alguns dados de sua biografia, sobretudo o que diz respeito à consolidação de sua carreira como escritora. Bastante citada, uma fonte importante para entender o início dessa trajetória foi a entrevista concedida por ela e seu marido, o escritor português Filinto de Almeida, para o João do Rio em meados da década de 1900<sup>20</sup>. Nessa entrevista, ela contava sobre o “prazer proibido” de escrever versos quando jovem, assim como sua comoção no dia em que sua irmã os descobriu e mostrou para o pai. Sem esboçar nenhuma reação imediata, o pai incentivou Julia a escrever um artigo e usou sua influência para publicá-lo no jornal *Gazeta de Campinas*, editado na cidade de Campinas, interior de São Paulo, onde a família residia naquele momento. Assim, sob os auspícios de seu progenitor, teve início sua carreira como escritora.

Ao longo da conversa com João do Rio, além de mencionar o estímulo que recebeu do pai e, posteriormente, do marido, ela também mostrou-se como uma mãe cuidadosa e uma dona de casa exemplar, tanto ao interromper seu depoimento para dar atenção ao filho, quanto ao confessar que não tinha tempo para ler como gostaria, devido ao seu compromisso com os afazeres domésticos. Importante dizer que a entrevista foi realizada na própria casa da autora que, naquela época, morava com o marido e sua família na cidade do Rio de Janeiro. A visão retrospectiva de Julia Lopes de Almeida operava a construção de uma memória, com o objetivo de dar um sentido ao passado e, ao mesmo tempo, legitimar sua posição naquele momento. Ela estava construindo uma imagem para si, enfatizando sua submissão ao pai, ao marido e à domesticidade a fim de, paradoxalmente, justificar e legitimar sua projeção pública.

A construção operada pela escritora nessa ocasião foi um aspecto minimizado em diversas análises que optaram por tomar essa entrevista como indício das dificuldades encontradas pelas mulheres que pretendiam atuar como escritoras entre o final do século XIX e o início do XX. Afinal, além de mostrar que o “mundo das letras” era dominado por escritores do sexo masculino e pouco adequado às mulheres, o que explicaria as hesitações da jovem Julia, seu testemunho também indicaria a centralidade das tarefas domésticas no “universo feminino”. Essa interpretação ancorava-se na noção de esferas separadas, segundo a qual o espaço público estaria reservado à atuação masculina, enquanto o privado privilegiaria o feminino. Porém, se considerarmos que a imprensa teve um papel fundamental para aqueles que almejavam à carreira literária nesse período, podemos relativizar essas afirmações, aparentemente incontestáveis.

---

20 Rio, João. “Um lar de artistas” in *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d. João do Rio era o pseudônimo do jornalista e escritor Paulo Barreto, que nasceu e viveu na cidade do Rio de Janeiro e colaborou em diferentes periódicos entre o final do século XIX e o início do XX, tendo publicado diversos livros. Sobre ele, ver Levin, Orna Messer. *As figuras do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

A partir da década de 1870, os jornais diários do Rio de Janeiro passaram por mudanças importantes, visando atingir um público cada vez mais amplo<sup>21</sup>. As leitoras de revistas de moda e de literatura constituíam uma parcela do leitorado que não foi negligenciada por essas empresas jornalísticas. Assim, esses periódicos passaram a investir em seções voltadas às mulheres, com assuntos que supostamente atrairiam o interesse feminino, mas que também comportavam diversidade, tanto em relação aos temas quanto às abordagens. Essas seções eram assinadas por escritoras conhecidas ou por anônimas narradoras, sendo que o objetivo de promover essa autoria feminina, ainda que praticada por homens em alguns casos, era estabelecer uma interlocução com as leitoras.

Em meados de 1900, quando a entrevista mencionada acima foi concedida, as escritoras Julia Lopes de Almeida e Carmem Dolores haviam sido convidadas para escrever para a seção de honra de importantes diários cariocas, como *O Paiz* e o *Correio da Manhã*, alcançando um público bastante variado. Além disso, tomou-se recorrente a organização de enquetes dirigidas ao público feminino, com a publicação de cartas de leitoras em lugar de destaque. A abertura à participação de escritoras e leitoras na grande imprensa carioca do início do século XX expunha os limites da noção de esferas separadas naquele momento histórico, tanto por viabilizar a presença de mulheres no espaço público do jornal, quanto por abrir a possibilidade de debate sobre essa separação entre público e privado<sup>22</sup>.

Ao elencar esses dados, não se pretende negar a dificuldade de algumas escritoras para alcançar projeção na virada para o século XX, sobretudo em relação à publicação de livros, nem suprimir a importância ideológica da concepção de esferas separadas, seja como organizadora de discursos e de políticas públicas, seja como forma de interpretar as relações cotidianas. Porém, Julia Lopes de Almeida, por sua história familiar e seus círculos de amizade, não encontrou tantas dificuldades para iniciar e dar continuidade à sua carreira. Ao ignorar essas questões, diversos estudiosos consideraram que a escritora teria rompido preconceitos vigentes em relação às mulheres de sua época e que seria, portanto, uma “mulher à frente de seu tempo”<sup>23</sup>.

Na verdade, a postura de Julia Lopes de Almeida apresentava contradições significativas. Figura pública e de sucesso, ela enfatizava sua plena adequação à vida doméstica, justamente para não ser alvo de julgamentos maldosos, como retratou na história ficcional de Alice. Essa estratégia, aliás, foi empregada por outras mulheres que também alcançaram algum tipo de projeção pública naquele período e que, para não serem criticadas por seus contemporâneos, reforçavam a identificação da esfera privada como um espaço eminentemente feminino<sup>24</sup>. Porém, para a maior parte dos pesqui-

21 Pereira, Leonardo. *O Carnaval das Letras. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

22 Garzoni, Leric de Castro. *Arena de Combate (...)*, Op. Cit., págs. 25-26.

23 A historiadora Magali Engel discutiu o uso dessa expressão em relação à Julia Lopes de Almeida, mostrando seus limites. Ver Engel, Magali Gouveia. “Julia Lopes de Almeida (1862-1934): uma mulher fora de seu tempo?” in *La manzana de la discordia*, año 2, n.8, 2009, págs.25-32. Entretanto, ela continua sendo usada por jovens pesquisadores, como observado em Vieira, Marly Jean de Araújo. “A Literatura Feminista de Júlia Lopes de Almeida” in *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. UnB, Brasília, 2011.

24 Como exemplo, é possível citar os casos de Leolinda Daltro e Elisa Scheid. Sobre essas mulheres, ver Garzoni, Leric de Castro. *Arena de Combate (...)*, Op.Cit., págs. 113-132.

sadores que estudaram a vida e a obra de Julia Lopes de Almeida, a identificação desse contraste entre a projeção pública e o elogio à domesticidade, entre a defesa da educação feminina e insistência em alguns limites para atuação profissional das mulheres, seria exatamente aquilo que definira o feminismo da escritora.

Assim, ao longo das duas últimas décadas, diferentes pesquisas compartilharam o desafio de caracterizar o feminismo Julia Lopes de Almeida, particularmente no que tange às suas especificidades. A pesquisadora Maria Angélica Lopes o definiu como um “feminismo patriarcal”<sup>25</sup>, enquanto Leonora De Luca optou pelo termo “feminismo possível”<sup>26</sup>. Mais recentemente, Rosane Saint-Denis Salomoni a definiu como “feminista consciente e atuante”<sup>27</sup> e Vanina Eisenhart argumentou que a escritora expressava “um feminismo que não confronta as normas vigentes, mas revela-se sutilmente em uma segunda leitura”<sup>28</sup>. Analisando o *Livro das Noivas* (1896), Nadilza M. de Barros Moreira concluiu que “resguardando-se as limitações e imposições históricas do feminismo brasileiro naquele tempo, a temática literária almeidiana foi eminentemente feminina e feminista”<sup>29</sup>.

Entretanto, no final do século XIX e início do XX, a palavra feminismo não havia sido plenamente incorporada no debate público brasileiro e seu significado era motivo de ampla controvérsia entre os contemporâneos. Como destacou Magali Engel em relação ao republicanismo de Julia Lopes de Almeida, a identidade de feminista poderia ser assumida de diferentes formas e com ênfases diversas, bastante distintas entre si<sup>30</sup>. Ao desconsiderar as especificidades históricas do termo, diversos estudiosos operaram, ainda que de forma não intencional, com a projeção de uma militância cronologicamente posterior sobre a figura da autora, a começar pela escolha dos termos.

25 Lopes, Maria Angélica. “Júlia Lopes de Almeida e o trabalho feminino na burguesia” in *Luso-Brazilian Review*, v.26, n.1, 1989, pág.54.

26 De Luca, Leonora. “O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)” in *Cadernos Pagu*, 12, 1999, págs.275-299.

27 Salomoni, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritura(...)*, Op. Cit., pág.130.

28 Eisenhart, Vanina. “Primeira-Dama Tropical: a cidade e o corpo feminino na ficção de Júlia Lopes de Almeida” in *Mester*, v.25, 2006, pág.60. De forma semelhante, Marcelo Medeiros Silva considerou que “se a estrutura [da narrativa de Julia Lopes de Almeida e de Carolina Nabuco] é bem-comportada, o tratamento dado aos temas não o é. Ainda que inconscientemente, as autoras, ao representarem, em suas obras, as desigualdades entre os sexos, a subordinação do feminino ao masculino, estavam criticando valores e construções sociais contra os quais o feminismo levantou suas bandeiras de luta. A postura política empreendida tanto por Júlia Lopes de Almeida quanto por Carolina Nabuco não foi alicerçada no embate direto contra os valores e as imposições da sociedade patriarcal em que elas viveram, mas esteve calcada na negociação com esses valores e imposições, aspecto esse que muitos deixam escapar quando emitem juízos de valor sobre a produção literária de tais escritoras”. Ver Silva, Marcelo Medeiros. “Júlia Lopes de Almeida e Caronia Nabuco: uma escrita bem-comportada?” in *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. UnB, Brasília, 2011, pág.1603.

29 Moreira, Nadilza M. de Barros. “Júlia Lopes de Almeida e o universo feminino, carioca, burguês em *Livro das Noivas*” in *Artémis*, v.2, 2005, pág.130. Analisando esse manual, Deivid Aparecido Costubra também considerou pertinente destacar as “estratégias feministas” da autora. Costubra, Deivid Aparecido. “Nas fimbrias do feminismo: as estratégias de Júlia Lopes de Almeida no manuais de ciências domésticas (1896-1906)” in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2001. Fazendo referência às narrativas de Julia Lopes de Almeida, Cátia Toledo Mendonça também considerou que eram “marcadas por questões amplamente discutidas pelo feminismo da época”. Mendonça, Cátia Toledo. “Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra” in *Revista Letras*, Curitiba, n.60, 2003, pág.283.

30 Engel, Magali Gouveia. “Julia Lopes de Almeida (1862-1934): uma mulher fora de seu tempo?”, op.cit., pág.30.

Em parte, esse uso pouco problematizado do termo feminismo advém da própria historiografia sobre o feminismo no Brasil, que não se preocupou em trabalhar a historicidade do termo e privilegiou o estudo da atuação de lideranças femininas. A celebração de pioneiras foi um aspecto recorrente na bibliografia dos anos 1970, tão comprometida em construir a legitimidade acadêmica desse campo de estudos, quanto em afirmar a relevância política dos movimentos feministas que se organizavam<sup>31</sup>. Se essa historiografia, duplamente militante, foi extremamente importante naquele período histórico, atualmente é possível refletir sobre essas questões de outra forma. Entretanto, sua força e influência é patente em análises recentes sobre Julia Lopes de Almeida, quase sempre celebrada como uma heroína e como pioneira de sucesso da literatura brasileira.

A centralidade do feminismo na interpretação da vida e obra da escritora tem, enfim, promovido a consolidação de uma imagem dessa mulher como precursora e contestadora, ainda que a sua maneira. Assim, injustamente excluída do “cânone literário”, ela ressurgiu nos estudos universitários como ilustre defensora da “causa feminina”, ainda que faltem pesquisas mais aprofundadas sobre as hesitações de Julia Lopes de Almeida ante o termo feminismo, assim como investigações sobre sua atuação na Federação Brasileira para o Progresso Feminino, entidade fundada por Bertha Lutz, na década de 1920. Também é importante indagar sobre como, na obra da autora, temas relacionados à atuação feminina em diferentes esferas se articulavam com outros debates, como a questão racial, aspecto tão central no país no contexto do pós-abolição.

## Negros e negras no contexto republicano: personagens sem lugar

Em sua primeira aparição no romance *A Intrusa*, Alice chegava à casa de Argemiro e era recepcionada por Feliciano, descrito como “um negro muito empertigado, com um arzinho desdenhoso e enfiado num dolman branco de impecável alvura”<sup>32</sup>. Em outro momento, Feliciano havia sido descrito como “reliquia da família”<sup>33</sup> que, seguro de seu status como criado de confiança, abusava dos havanas, das roupas bordadas, das revistas e até da carteira de seu patrão, além de trazer a casa em constante desordem. Para Argemiro, farto dessa situação, um dos objetivos da contratação da governanta seria, justamente, organizar as tarefas domésticas e diminuir as despesas para manutenção do lar.

A partir da descrição do primeiro encontro entre Feliciano e Alice, o silêncio sobre a cor da pele da candidata ao emprego abria espaço para que o leitor inferisse que era branca. Ser branca foi uma característica compartilhada por todas as protagonistas dos romances de Julia Lopes de Almeida, com exceção de Ernestina, em *A Viúva Simões* (1895). Segundo a análise de Giovana Xavier Côrtes, a caracterização de Ernestina ao longo da história, particularmente as constantes referências à cor “morena” de sua pele, justificava sua mudança de comportamento e, conseqüentemente, seu destino trágico. Em relação à bibliografia, Côrtes comentava que “existe uma quantidade considerável

31 Garzoni, Leric de Castro. *Arena de Combate* (...), *op. cit.*, págs. 32-35.

32 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.22.

33 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.14.

de trabalhos sobre Júlia Lopes de Almeida e sua vasta obra, contudo o papel central da mestiçagem de Ernestina na construção de sua personalidade é tema ausente<sup>34</sup>, concluindo que isso decorreria da forma sutil como a autora abordou essa problemática, perceptível apenas em uma leitura atenta.

Além da “forma sutil” como a mestiçagem foi tratada nesse enredo em específico, é possível identificar certa resistência dos pesquisadores em investigar os sentidos atribuídos à questão racial nos romances dessa escritora<sup>35</sup>. Um exemplo significativo pode ser constatado no trabalho de Rosane Saint-Denis Salomoni. Ao analisar o romance *Cruel Amor* (1910), a pesquisadora constatou a presença de uma ideologia racista disseminada “tanto na fala das personagens quanto no discurso da narradora”<sup>36</sup>. Porém, contrapondo essa observação ao “caráter humanitário” de Julia Lopes de Almeida, à sua defesa da emancipação dos escravos e à longa convivência, “harmoniosa e respeitosa”, com “serviçais da raça negra” em sua própria casa, a pesquisadora negou que a escritora fosse racista e enfatizou que ela “condenou a sociedade burguesa e machista pelo tratamento imposto às mulheres, independente de classe ou raça”<sup>37</sup>. Assim, apesar de identificar referências recorrentes à noção de raça nesse romance, a estudiosa optou por não investigá-las a fundo, reafirmando uma visão idealizada da autora estudada e a enfatizando seu projeto de “promoção da mulher brasileira”.

Uma postura bastante diversa pode ser observada na pesquisa de Ingrid Silva Oliveira, na qual ela buscou compreender “a opinião de Júlia no que tange ao papel do negro naquela sociedade [do início do século XX]”<sup>38</sup>. Explorando esse aspecto no romance *A Intrusa*, Oliveira mostrou como, a despeito de estar na fala dos personagens ou do narrador, o racismo é um aspecto significativo para a própria Julia Lopes de Almeida e que ela, mesmo tendo defendido a abolição do trabalho escravo no Brasil, tinha extrema dificuldade em vislumbrar um papel social para os negros no pós-abolição.

34 Côrtes, Giovana Xavier da Conceição. *Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina* (Rio de Janeiro, 1880-1910). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2005, pág. 130.

35 Isso talvez ajude entender por que a pesquisa de Côrtes não teve a devida ressonância entre outros estudiosos, sobretudo na área de literatura. Em 2008, três anos após a defesa do mestrado de Côrtes, uma tese sobre *A viúva Simões* foi defendida na Universidade Federal da Paraíba. Nela, o pesquisador Romair Alves Oliveira, sem citar o trabalho anterior, conclui que a “narrativa em foco resiste ao modelo feminino patriarcal oitocentista” (pág. 137), embora em outro momento reconheça que “o narrador trabalha com o elemento que envolve miscigenação, uma vez que insere na descrição acima a oposição entre autoridade e cor, caracterizando o meio social da época em que cor morena e o perfil da mulher brasileira ‘eram’ mais relacionados à sua sensualidade do que à sua classe social (pág. 132). Ver Oliveira, Romair Alves. *A escritura de resistência em Júlia Lopes de Almeida, A viúva Simões*. Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2008.

36 Salomoni, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritura(...)*, op. cit., pág. 180.

37 Salomoni, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritura(...)*, op. cit., pág. 190. Ainda segundo Salomoni, “algumas vezes detectei fortes indícios de preconceito racial e de classe nas falas e no comportamento dos grupos sociais retratados nos romances. Mesmo que ao enunciá-los a narradora transfira a responsabilidade para as falas das personagens, em discurso direto, estes traem um pertencimento da escritora à classe burguesa e à raça branca. Este fator certamente não invalida o projeto ficcional no qual está empenhada a escritora, de promover a mulher brasileira, pois ela se encontra integrada num projeto maior, o de escritora consciente de seu papel diante de uma sociedade que lhe cobrava participação” (pág. 191).

38 Oliveira, Ingrid Silva. “O olhar sobre o negro na literatura brasileira do pós-abolição: uma análise do romance *A Intrusa* de Júlia Lopes de Almeida” in *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. X, ano 5, n.2, 2010, pág. 28.

Em *A Intrusa*, é possível perceber, como argumentou Sônia Roncador, que Julia Lopes de Almeida era herdeira da tradição instaurada por José de Alencar na peça *O demônio familiar* (1857)<sup>39</sup>, pois considerava a presença do ex-escravo no ambiente familiar como algo extremamente prejudicial, descrevendo o criado Feliciano como “desonesto, imoral, destruidor da paz doméstica”. Mas, para além disso, havia a questão racial, que se destacava nas ponderações do criado Feliciano:

Revoltado contra a natureza que o fizera negro, odiava o branco com o ódio da inveja, que é o mais perene. Criminava Deus pela diferença das raças. Um ente misericordioso não deveria ter feito de dois homens iguais dois seres dissemelhantes! (...) Branca! Era a mulher branca que ele preferia, desprezando com asco as de sua raça. A superioridade daquela que ia toc-toc na sua frente, exasperava-o. O seu humor inalterável, os seus hábitos de asseio e de ordem não lhe tinham dado ensejo para a intriguinha fácil e perturbadora<sup>40</sup>.

Se, no primeiro encontro entre Feliciano e Alice, a cor da pele dessa última ficava subentendida, agora a questão encontrava-se explícita. Ao ler esse trecho, que mesclava as visões do personagem e do narrador, é possível observar como a autora relacionava a cor da pele ao caráter, remetendo a concepções do “darwinismo social”<sup>41</sup> para caracterizar e explicar o comportamento dos personagens. Além disso, a diferença entre o branco e o negro remetia a uma “distinção [que] estaria relacionada à natureza, e não à história ou aos condicionantes sociais, o que levava o personagem a censurar Deus pela ‘diferença das raças’<sup>42</sup>. Tratava-se de um processo de naturalização das diferenças sociais, no qual o conceito de raça era usado para qualificar física e moralmente os personagens.

No romance *A viúva Simões*, o mesmo procedimento havia sido adotado para descrever a criada Simplícia como “uma mulatinha de quinze anos, cria de casa”, “com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terríveis”, que roubava e chantageava a dona da casa, além de ser muito “assanhada”, e ser alvo da previsão de que “há de acabar rolando bêbada pelas ruas”<sup>43</sup>. Em contrapartida, a cozinheira Benedita era retratada de forma positiva, como uma ex-escrava que se mantivera fiel aos antigos senhores. Assim, Julia Lopes de Almeida, que criticara o sistema escravista, não conseguia vislumbrar qual seria o papel de negros e negras no pós-abolição, oscilando entre a valorização dos vínculos senhoriais superados e a afirmação da degenerescência física e moral como

39 Roncador, Sônia. “As criadas de Júlia: empregadas domésticas no imaginário da Belle Époque brasileira” in *A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, pág.48.

40 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, págs.179-180.

41 Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pág.62. Como destacou Deivid Costruba, Julia Lopes de Almeida leu e citou Hebert Spencer, mostrando-se “grande admiradora” de suas idéias. Ver Costruba, Deivid. “Conselho às minhas amigas”: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906). Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis, 2011.

42 Garzoni, Leric de Castro. *Arena de Combate (...)*, op. cit., pág.108.

43 Almeida, Julia Lopes. *A viúva Simões*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1999, pág. 35 e pág. 208.

fato da natureza. Para isso, como outros escritores, inclusive abolicionistas como Joaquim Nabuco, apoiava-se nas teorias raciais que circulavam no Brasil desde o final do século XIX<sup>44</sup>.

A leitura do romance no suporte original no qual foi publicado permite entender como o aspecto racial apresentava-se articulado a outras questões, como o futuro da nação. Em *A Intrusa*, uma conversa ocasional entre Argemiro e seu amigo Afonso Caldas colocava em destaque a questão da imigração, mencionando a irrefutável superioridade de uma colônia suíça em relação a uma colônia chinesa. Em 1890, década na qual a história do romance se desenrolava, senadores brasileiros discutiram longamente se deveriam autorizar a imigração chinesa para o país, avaliando seu impacto econômico e racial<sup>45</sup>. No início de 1905, por sua vez, quando o romance foi publicado no rodapé do *Jornal do Commercio*, notícias sobre o conflito russo-japonês ocupavam lugar de destaque nos jornais<sup>46</sup>.

Segundo o historiador Rogério Dezem, a vitória dos japoneses sobre os russos, declarada em setembro de 1905, “interferiu no conteúdo dos discursos relativos ao japonês, tanto naqueles de teor filo nipônico, quanto naqueles antinipônicos, no Brasil e no exterior”<sup>47</sup>. Afinal, a emergência do Japão como uma potência militar despertava, a um só tempo, medo e admiração. Como destacou Dezem, um dos principais efeitos dessa guerra foi a progressiva diferenciação entre japoneses e chineses na visão dos brasileiros, ainda que mantivessem imagens estereotipadas em relação a ambos. Na conversa entre Caldas e Argemiro, após as menções a suíços e chineses, eram feitas as seguintes considerações sobre uma colônia japonesa em terras brasileiras:

- Isso é desconsolador... – observou Argemiro, apontando para a extensa pradaria, onde em vários trechos se agrupavam casinhas feias.

- E este trem poderia rolar entre pomares cheirosos. O Brasil é a terra da flor esquisita e da fruta saborosa. De um lado e de outro destas estradas, se tivéssemos camponesas e agricultores de bom gosto, veríamos, Argemiro, lindas orquídeas suspensas na galharia de árvores frutíferas. Olha bem para aquilo! É preciso não ter absolutamente gosto nem instinto, para se fazer uma cerca assim, de paus tortos, aqui no país do bambu. Do lindíssimo bambu! Ah! O japonês! Que povo feliz e aproveitador... Vou lembrar ao Barreto instalarmos aqui uma colônia de Japoneses, com a condição de fazerem eles mesmos as suas casas e trazerem muitas musmés bonitas...

- Condição essencial!

44 Azevedo, Celia Maria Marinho. “Quem precisa de São Nabuco?” in *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, n.1, 2001, págs.85-97.

45 Oliva, Osmar Pereira. “Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Eça de Queirós e a imigração chinesa – Qual medo?” in *Revista da ANPOLL*, v.2, 2008, págs.65-84.

46 Ver, entre outros, *Jornal do Commercio*, “A Guerra no Oriente”, 18/02/1905, pág.1.

47 Dezem, Rogério. “Nuances de ‘jaune’: éléments formateurs de l’imaginaire brésilien sur les Japonais” in *Cahiers du Brésil Contemporain*, n.71/72, 2011, pág. 66.

- E que tu com toda a tua viuvez aproveitarias melhor do que eu...
- Aprecio pouco o tipo e detesto a raça...<sup>48</sup>

Havia um tom ambíguo em relação aos japoneses pois, enquanto o primeiro elogiava o japonês como um “povo feliz e aproveitador”, Argemiro enfatizava que detestava a “raça”, remetendo aos debates contemporâneos sobre diferenças raciais. Também é pertinente observar as considerações desses personagens sobre as *musmés*, palavra de origem japonesa para fazer referência a mulheres jovens, pois mesclavam louvores e críticas em relação à sua aparência. Além disso, faziam considerações sobre seu possível ingresso em um mercado sexual marcado, como mostrou Cristiana Schettini em seu estudo sobre a prostituição no Rio de Janeiro nesse período, por hierarquias socio-raciais<sup>49</sup>. Essa hipótese ganha ainda mais força quando se observa que, no carnaval daquele ano de 1905, o Club dos Fenianos organizou uma comissão de “lindas japonesas, abrindo espaço para o terceiro carro alegórico”, também descritas como “sultanas dos haréns do Oriente”<sup>50</sup>. No préstito, elas antecediam a passagem de carros “com lindas pecadoras”, reforçando a associação com a prostituição<sup>51</sup>.

Enfim, acompanhar a publicação do romance no jornal abre a possibilidade tanto para entender as redes de interlocução de Julia Lopes de Almeida, quanto as leituras possíveis de seu enredo. A fala de Caldas no diálogo acima, com referências ao Brasil e seu povo, é significativa porque mostra como a autora estava inserida em um debate sobre a nação de diversas formas. Isso porque, além de insistir que as mulheres deveriam ser educadas para exercer uma maternidade higiênica e para formar os futuros cidadãos, ela também usava seus romances para veicular inquietações quanto ao aspecto racial no país. Nesse sentido, ela não só remetia a temores contemporâneos sobre a imigração, como questionava a presença de ex-escravos no espaço doméstico. Além disso, como sugeriu Amy Kaplan, se a casa for entendida como metáfora da nação, ao reproduzir cenas domésticas, Julia Lopes de Almeida estaria fazendo um trabalho mais amplo que dar conselhos ou tematizar o espaço privado e sua associação com o feminino<sup>52</sup>. Ela estaria construindo um projeto de nação fundamentado no conceito de raça, intervindo diretamente em um debate em curso.

## Considerações finais

Entre a bibliografia sobre a obra de Julia Lopes de Almeida, chama atenção um artigo da professora de literatura Peggy Sharpe. Em 1998, ela publicou o artigo “Construindo o caminho da nação através da

48 Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935, pág.45.

49 Schettini, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

50 Ver *Jornal do Commercio*, 07/03/1905, pág.5.

51 Schettini, Cristiana. “Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades camavalescas cariocas em fins do século XIX” in Cunha, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

52 Kaplan, Amy. “Manifest Domesticity” in *American Literature*, v.70, n.3, 1998, págs.581-606.

obra de Julia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt” na revista acadêmica *Letras de Hoje*. Além de fazer considerações pertinentes sobre o estudo da “literatura feminina” na perspectiva histórica<sup>53</sup>, ela mostrava a aproximação de Julia Lopes de Almeida com o movimento eugenista da década de 1920. Para isso, citava um trecho de *Maternidade*, série de artigos publicada no *Jornal do Commercio* entre 1924 e 1925, com edição em volume ainda no ano de 1925. Desse livro, identificado como “obra pacifista” na bibliografia organizada pela editora Mulheres, Sharpe destacou o seguinte trecho:

Entre nós, os que não saíram de raças puras, transplantadas, têm nas veias de mistura com o sangue europeu o sangue ainda mal amaciado, das tribos indígenas ou africanas, o que torna mais complexo o nosso modo de ser e mais difícil o aperfeiçoamento do nosso meio social. Por isso mesmo e com maior entusiasmo a mulher deve concorrer para esse aperfeiçoamento, considerando o filho não como coisa sua ou um ser só dependente do seu amor ou do seu capricho, mas como um indivíduo de que a natureza a fez depositária e que ela terá de entregar ao mundo tão digno e moralmente superior quanto lhe seja possível<sup>54</sup>.

Nesse excerto, raça, gênero e nação se entrecruzavam no projeto da escritora para o Brasil, como tão bem mostrou Sharpe. Essa argumentação, no momento em que estudos sobre a autora estavam sendo retomados, soava como um desafio para os pesquisadores entendessem como Julia Lopes de Almeida articulou essa tríade ao longo do tempo e em diversos tipos de textos. Porém, o artigo de Sharpe não encontrou a necessária ressonância, sendo citado algumas vezes, mas pouco discutido. A problematização da questão racial poderia conduzir à incômoda conclusão de que o controverso feminismo da escritora não se dirigia a todas as mulheres, mas às brancas e burguesas, ainda que empobrecidas.

Essa conclusão, por sua vez, permitiria reelaborar as análises em relação ao feminismo dessa mulher, afastando-o de uma formulação ideal, associada a uma postura vanguardista e contestadora, e compreendendo-o em sua historicidade. Afinal, como demonstraram outras análises, feminismo e racismo poderiam coexistir em diferentes contextos. Não só para eugenistas como Adalzira Bittencourt, como mostrou Peggy Sharpe no artigo citado acima, mas também entre mulheres que se identificaram como feministas após a abolição da escravidão nos Estados Unidos, como estudou Louise Newman<sup>55</sup>.

53 Segundo ela, “embora estudiosas hoje em dia tenham ligado os parâmetros gerais dos primeiros debates do feminismo no Brasil ao ativismo dos anos vinte das descendentes de classes sociais privilegiadas, importa constatar que o modo em transformação como as mulheres se percebiam e a variedade de papéis que elas se auto-atribuíram no âmbito social não eram uniformes, mesmo dentro de uma única classe social”. Sharpe, Peggy. “Construindo o caminho da nação através da obra de Julia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt” in *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.33, n.3, 1998, pág.41.

54 Almeida, Julia Lopes de. *Maternidade*. Rio de Janeiro: Olívia Herdy de Cabral Peixoto, 1925, págs. 116-7 APUD Sharpe, Peggy. “Construindo o caminho da nação (...)”, *op.cit.*, pág.44.

55 Newman, Louise Michelle. *White women's rights: the racial origins of feminism in the United States*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Explorar esse aspecto talvez permita pensar o potencial emancipador da produção literária de Julia Lopes de Almeida em outros termos, relacionado à recepção de sua obra. Isso porque, ainda que sejam raros os registros de leitura, é possível investigar as “leituras possíveis”<sup>56</sup> e avaliar em que medida elas subvertiam os sentidos propostos pela própria autora. Como abordado ao longo do presente artigo, a maior parte dos textos dessa autora circularam na grande imprensa o que, além de sinalizar indícios sobre leituras, também tomava sua produção acessível a um público bastante diversificado em termos de classe, gênero e cor da pele. Tendo isso em vista, parece pertinente questionar como o romance *A Intrusa*, por exemplo, cuja protagonista dera um “belo exemplo de resignação e trabalho”<sup>57</sup>, seria lido por mulheres pobres e trabalhadoras, não tão brancas quanto a protagonista Alice. Em um momento em que o trabalho feminino fora do lar era visto com desconfiança pelas autoridades e pela sociedade em geral, o enredo poderia abrir a possibilidade para que mulheres pobres construíssem uma identidade de trabalhadora desvinculada de preconceitos de classe e gênero. Esse problema de pesquisa parte do pressuposto de que, mais que apresentar um modelo de sentido unívoco, como intencionava a autora, as histórias de Alice e outras personagens poderiam ganhar apropriações inesperadas.

## Referencias

### Fontes Primárias

Almeida, Julia Lopes de. *Maternidade*. Rio de Janeiro: Olivia Herdy de Cabral Peixoto, 1925.

Almeida, Julia Lopes de. *A Intrusa*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1935 [1908].

Almeida, Julia Lopes de. *O Livro das Noivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1914.

Azevedo, Alúcio. *Touro Negro: crônicas e epistolário*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1944.

Jornal do Commercio

Rio, João. “Um lar de artistas” in *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d.

Veríssimo, José. “Um romance da vida fluminense” in *Estudos de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1977.

56 Como afirmou Daniele Megid, ao investigar as leituras femininas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “a falta de registros objetivos, entretanto, não exclui a possibilidade dessas interpretações terem existido nem impede que elas sejam investigadas. O modo como mulheres, dependentes ou leitores e leitoras comuns compreenderam determinadas obras deve ser perseguido colocando os textos analisados em interlocução com outros com os quais dialogavam. Dessa forma, não se buscam registros reais, mas leituras plausíveis, apreciações que podem ter sido desenvolvidas pelo público a partir de discussões e informações disponíveis encontradas fora do texto, mas que mantinham com ele intrínseca relação”. Daniele. À roda de Brás Cubas: literatura, ciência e personagens femininas em Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 2012, pág.133.

57 Almeida, Julia Lopes de. *O Livro das Noivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1914, pág.16.

## Bibliografia citada

- Côrtes, Giovana Xavier da Conceição. *Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro, 1880-1910)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2005.
- Costubra, Deivid Aparecido. “Nas fimbrias do feminismo: as estratégias de Júlia Lopes de Almeida no manuais de ciências domésticas (1896-1906)” in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2001.
- De Luca, Leonora. “O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)” in *Cadernos Pagu*, 12, 1999.
- Dezem, Rogério. “Nuances de ‘jaune’: éléments formateurs de l’imaginaire brésilien sur les Japonais” in *Cahiers du Brésil Contemporain*, n.71/72, 2011.
- Eisenhart, Vanina. “Primeira-Dama Tropical: a cidade e o corpo feminino na ficção de Júlia Lopes de Almeida” in *Mester*, v.25, 2006.
- Engel, Magali Gouveia. “Julia Lopes de Almeida (1862-1934): uma mulher fora de seu tempo?” in *La manzana de la discordia*, año2, n.8, 2009.
- Kaplan, Amy. “Manifest Domesticity” in *American Literature*, v.70, n.3, 1998.
- Levin, Oma Messer. *As figuras do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- Lopes, Maria Angélica. “Júlia Lopes de Almeida e o trabalho feminino na burguesia” in *Luso-Brazilian Review*, v.26, n.1, 1989.
- Megid, Daniele. *À roda de Brás Cubas: literatura, ciência e personagens femininas em Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 2012.
- Mendonça, Cátia Toledo. “Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra” in *Revista Letras*, Curitiba, n.60, 2003.
- Moreira, Nadilza M. de Barros. “Júlia Lopes de Almeida e o universo feminino, carioca, burguês em *Livro das Noivas*” in *Artémis*, v.2, 2005.
- Oliveira, Ingrid Silva. “O olhar sobre o negro na literatura brasileira do pós-abolição: uma análise do romance A Intrusa de Júlia Lopes de Almeida” in *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. X, ano 5, n.2, 2010.
- Oliveira, Romair Alves. *A escritura de resistência em Júlia Lopes de Almeida, A viúva Simões*. Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2008.
- Pereira, Leonardo. *O Carnaval das Letras. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- Roncador, Sônia. “As criadas de Júlia: empregadas domésticas no imaginário da Belle Époque brasileira” in *A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

- Sadler, Darlene (editor). *One hundred years after tomorrow: Brazilian women's fiction in the twentieth century*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- Salomoni, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na Ficção Brasileira*. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – UFRGS, Porto Alegre, 2005
- Schettini, Cristiana. *Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- Schettini, Cristiana. “Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX” in Cunha, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Sharpe, Peggy. “Construindo o caminho da nação através da obra de Julia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt” in *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.33, n.3, 1998.
- Silva, Marcelo Medeiros. “Júlia Lopes de Almeida e Caronia Nabuco: uma escrita bem-comportada?” in *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. UnB, Brasília, 2011.
- Vieira, Marly Jean de Araújo. “A Literatura Feminista de Júlia Lopes de Almeida” in *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. UnB, Brasília, 2011.